

Entrevista com o filósofo Ulrich Metschl

Interview with Ulrich Metschl

Thiago Pinho ^[a] 

Salvador, BA, Brasil

^[a] Universidade Senai Cimatec

Ulrich Metschl ^[b] 

Innsbruck, Áustria

^[b] University of Innsbruck

Como citar: PINHO, Thiago. Entrevista com o filósofo Ulrich Metschl. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 37, e202532132, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2965-1557.037.e202532132>.

Resumo

O objetivo dessa entrevista com o Professor Ulrich Metschl é investigar os bastidores do pensamento filosófico e sua relação com a política e a ciência, além do próprio papel do filósofo nas últimas décadas diante de problemas complexos, como Fake News, esvaziamento da esfera pública, negacionismo e polarização ideológica. Engajado na filosofia analítica, em um compromisso declarado com a linguagem e a lógica, o Professor Ulrich oferece um retrato interessante sobre os maiores dilemas do nosso mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Democracia Liberal. Redes Sociais. Filosofia.

[a] Entrevistador, pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Innsbruck, e-mail: pinho.thiago@hotmail.com

[a] Autor entrevistado, PhD em Filosofia, e-mail: ulrich.metschl@uibk.ac.at

Abstract

The purpose of this interview with Professor Ulrich Metschl is to investigate the behind-the-scenes of philosophical thought and its relationship with politics and science, as well as the philosopher's role in recent decades in the face of complex problems such as Fake News, the emptying of the public sphere, denialism, and ideological polarization. Engaged in analytical philosophy, with a declared commitment to language and logic, Professor Ulrich offers an interesting portrait of the greatest dilemmas of our contemporary world.

Keywords: Liberal Democracy; Social Media; Philosophy.

Introdução

Ulrich, muito obrigado por aceitar meu convite. Eu sei que teremos um debate interessante hoje. O professor Ulrich Metschl é professor associado na Universidade de Innsbruck, na Áustria. Seus temas de estudo são lógica e filosofia da lógica, ética da ciência e filosofia política. Ele publicou muitos artigos sobre esses temas, assim como um livro intitulado “Sobre o Valor da Ciência e os Benefícios da Pesquisa.” Seu compromisso, bem nos arredores da filosofia analítica, envolve um cuidado com a linguagem e como ela é estruturada em certos contextos concretos de ação, como na política e no próprio fazer filosófico. Suas análises sobre Wittgenstein e seu *Tractatus* reforça mais ainda um desejo profundo por uma forma de pensamento filosófico clara, transparente e eficaz, ao contrário de especulações vazias e confusas. Em um mundo governado por algoritmos, além de desinformação e ódio, clareza pode não ser um simples luxo de filósofos analíticos, mas uma virtude indispensável. Além disso, ele também é meu orientador na minha pesquisa de pós-doutorado em filosofia política. Então, estou muito animado para discutir o papel da filosofia no século XXI e seus desafios.

Entrevista

Thiago Pinho: Ok, vamos começar com a primeira pergunta: Na tradição Continental, a ciência e a filosofia muitas vezes não têm um relacionamento muito saudável, quase sempre recheado de tensões aqui e ali. Podemos observar isso, por exemplo, na vertente pós-estruturalista e suas implicações em áreas como os estudos decoloniais. A ciência parece ser um peso que deve ser superado ou, no mínimo, reduzido a uma pura contingência (histórica, cultural, ideológica). Como você enxerga a relação entre filósofos e cientistas, especialmente hoje em dia? Existe algo que podemos aprender uns com os outros?

Professor Ulrich: Sim, claro. Eu estou absolutamente convencido de que podemos aprender uns com os outros e devemos aprender uns com os outros. Acho que a filosofia não é uma atividade totalmente independente e deve considerar o que está acontecendo em outras áreas da Academia. Portanto, só podemos nos beneficiar ao aprender com as Ciências, em particular as Ciências Naturais, mas também com outras Humanidades ou Ciências Sociais. Também sou um pouco relutante em simplesmente desconsiderar empreendimentos como os estudos pós-coloniais como algo que é contra a ciência. De certo modo, esses estudos podem trazer um enorme benefício para a nossa compreensão, nossa compreensão histórica ou nossa compreensão do que está acontecendo em nossas sociedades. A migração, por exemplo, se tornou um tema política importante em muitos países, nos EUA e na Europa. Uma compreensão adequada de suas causas certamente incluirá um reconhecimento do passado colonial da Europa. Em suma, acho que, embora você esteja certo ao afirmar que há um tipo de atrito entre o que está acontecendo na filosofia Continental e na ciência, não devemos ser muito severos em nosso julgamento. Não devemos simplesmente dizer que eles estão completamente em desacordo. Mesmo aqui encontramos algum tipo de cooperação. E, para repetir, há algo a ser aprendido uns com os outros.

Thiago Pinho: É interessante que às vezes observamos uma espécie de batalha ontológica entre cientistas, de um lado, e cientistas sociais e filósofos, do outro. Você frequentemente ouve filósofos propondo que a base da realidade pode ser o capitalismo, o racismo ou algo mais abstrato, como fluxos, mônadas e rizomas.

Enquanto isso, os cientistas argumentam que pode ser átomos ou algo mais material e físico. Como podemos co-existir nessa constante batalha ontológica entre diferentes campos do conhecimento?

Ulrich: Isso é certamente correto, mas pode ser que simplesmente temos perspectivas diferentes e ramos distintos focando em outros tópicos, dando ênfase a certas áreas. O que precisamos, no final das contas, e talvez esse seja um desafio para a filosofia, é a capacidade de combinar essas diferentes perspectivas, lançando cada uma delas dentro de um quadro único ou talvez destilando uma visão a partir desses diferentes pontos de vista para uma perspectiva mais ampla e complementar do que realmente nos preocupa.

Thiago Pinho: É bastante comum que as pessoas usem frases como “a realidade é capitalista” ou “o mundo é capitalista,” e, às vezes, eu tento reformular isso. Eu digo, “Não, a realidade não é capitalista — a realidade tem capitalismo. Isso não significa que sua categoria (capitalismo) seja a base ontológica de todo o universo. Por favor, não tenha tanta autoestima!” [Risos]. As pessoas tendem a exagerar. Isso também se aplica ao meu próprio campo: só porque pesquiso uma ciência específica não significa que ela seja a base de tudo. Não significa, por exemplo, que a física seja apenas um ramo da sociologia, reduzida a jogos linguísticos, lutas de poder e batalhas ideológicas. Alguns podem dizer, “Talvez a física seja apenas um artefato ideológico”, mas “ideologia” é o meu conceito como filósofo, ao invés de um substrato neutro e absoluto. Claro, podemos usar esses conceitos, mas isso não significa que devemos ser autoritários sobre eles.

Ulrich: Talvez às vezes temos que aceitar um certo grau de simplificação quando se trata de um ponto de vista científico a partir de uma determinada abordagem. Você sabe, há um ditado famoso, acho que é do psicólogo Abram Maslow. Ele dizia que se tudo o que você tem é um martelo, então o mundo inteiro parece um prego, e isso também acontece nas ciências e até na filosofia. Não acho que a filosofia tenha o monopólio de ver as coisas de uma forma mais ampla, mais correta do que outras áreas da Academia. Mesmo na filosofia encontramos algum tipo de parcialidade, uma certa perspectiva que não é o quadro completo. Como eu disse, será importante simplesmente reunir todas essas diferentes visões e ter alguma integração. É precisamente por isso que devemos tentar aprender uns com os outros.

Thiago Pinho: Nos últimos tempos, testemunhamos o crescimento da extrema direita em muitas democracias liberais ao redor do planeta, juntamente com sua tendência a questionar todas as instituições, da mídia até a ciência, passando pelo próprio Estado. No entanto, não são apenas os radicais que seguem esse caminho suspeito. Vivemos em um mundo onde a desconfiança se tornou institucionalizada, não importa se você é de esquerda, direita, centro ou até desconectado da política. Minha pergunta é: qual é o papel da filosofia em um mundo onde tudo está sujeito a uma crítica constante? E a filosofia pode ajudar com isso?

Ulrich: Essa é uma boa pergunta, uma pergunta muito oportuna, e não tenho certeza da resposta. Um primeiro ponto pode ser que, certamente, o papel da filosofia no público provavelmente será muito modesto. É por boas razões que não desejamos ter reis filósofos, como Platão recomendou. Além disso, mesmo quando se trata de problemas como os que você aponta, o crescimento da extrema direita, o populismo, etc., é certamente tarefa da sociedade civil como um todo fazer algo a respeito, porque a sociedade deve encontrar seu próprio caminho de baixo para cima, por assim dizer. Mas também acho que a filosofia pelo menos pode contribuir com algo e pode colaborar um pouco, pelo menos tentando esclarecer os termos e condições nos quais o discurso público ocorre. Melhores padrões de argumentação razoável às vezes seriam úteis. Portanto, espero ao menos que a filosofia possa ser de alguma ajuda. Mas não tenho certeza de que exercera

muita influência ou será capaz de mudar a situação se realmente algo der errado e talvez já tenha dado errado. Então, sim e não, eu diria, vamos torcer para que a filosofia, simplesmente ampliando nosso horizonte, trazendo à tona maneiras alternativas de pensar e nos lembrando de padrões críticos de discussão, possa ser de alguma ajuda. Por outro lado, o papel deve ser modesto e não gostaríamos que a filosofia se impusesse à sociedade ou se tornasse excessivamente autoritária em suas ações. Não deve decretar como as sociedades devem ser governadas, mas deve contribuir para uma discussão pública contínua, sugerindo novas ideias ou nos lembrando de padrões críticos. A filosofia tem um papel a desempenhar nos debates públicos, mas, como eu disse antes, provavelmente será um papel modesto.

Thiago Pinho: Não importa por onde você anda hoje, especialmente nas redes sociais; parece que todos estão constantemente debatendo sobre tudo e suspeitando sobre cada detalhe da realidade. Parece existir um certo prazer nesse ato de desmascaramento, antes reservado ao campo acadêmico. Exemplo, você observa algo que parece sólido, mas precisa mostrar que na verdade não é, escavando sua suposta superficialidade. Algo visto como universal pode ser rapidamente descartado como particular, enquanto isso você revela as estruturas falhas e desprezíveis por trás dele. Nas redes sociais as pessoas não se importam em ser metodologicamente ou epistemicamente cuidadosas com suas críticas e análises. Elas usam termos como armas, sem avaliar seus contornos, apenas porque funcionam. Na vida cotidiana, elas tendem a ser mais pragmáticas, digamos assim. Mesmo quando os termos são contraditórios ou vagos, continuam sendo usados porque funcionam e ajudam a organizar suas experiências.

Ulrich: Existe, às vezes, uma falta de autorreflexão crítica, especialmente nas redes sociais. Mas então, as redes sociais são muito impulsionadas pelo exagero hiperbólico, porque a meta das pessoas é a atenção. As redes sociais talvez não sejam o melhor instrumento na busca pela verdade. Eles querem é fazer um *show* ou até mesmo impressionar os outros. Atenção é a moeda.

Thiago Pinho: Mesmo conceitos básicos como “democracia”, “fascismo”, “comunismo”, “cultura” quase sempre são usados de um jeito bem instrumental, não porque as pessoas tenham uma definição clara na cabeça, mas porque esses termos têm impacto, funcionam. É assim que a vida cotidiana tende a operar. As pessoas precisam de um entendimento simplificado ou instrumentalizado das coisas. Em geral, elas não têm tempo de pensar profundamente ou de forma complexa. Embora esse modelo seja comum e necessário na vida cotidiana, a longo prazo pode ser problemático. É interessante, como uma estratégia etnometodológica, sair por aí e lançar nas pessoas perguntas básicas como “O que é sociedade?”, “O que é democracia?”, “O que é fascismo?”. 99% delas não sabe como explicar esses conceitos ou tem definições muito genéricas, confusas e contraditórias. Elas apenas usam os termos porque funcionam em contextos concretos de ação, independente de qualquer consistência interna.

Ulrich: Certamente seria irrealista esperar que cada pessoa esteja treinada para explicitar seus conceitos e termos a um grau filosoficamente satisfatório, especialmente quando se trata de termos abstratos. Pode ser confuso dizer o que é sociedade ou o que é democracia. Não há nem mesmo entre especialistas um entendimento uniforme do que esses termos significam, e é debatível o que é essencial para a democracia. Portanto, não deve ser surpresa que leigos e, às vezes, também especialistas não estejam sempre completamente claros sobre, por exemplo, o que distingue democracia e república. Sem dúvida, são termos técnicos e terão um significado mais ou menos preciso. Mas, como você apontou, usamos esses termos com um uso cotidiano e apenas os aplicamos. Na maioria das vezes, não resulta em grande dano. Quando eu

disse que a filosofia poderia pelo menos desempenhar um papel humilde na formação do debate público, foi até certo ponto porque está em uma posição de refletir criticamente sobre esses termos. Não de uma maneira prescritiva, porque o propósito da filosofia não é dizer “isso é precisamente o que democracia significa”, mas sim porque queremos ser coerentes e devemos estar cientes do que nossos conceitos implicam, quais compromissos eles trazem consigo. A reflexão crítica é uma tarefa da filosofia, além de um compromisso sério. Mas está tudo bem que apenas uma minoria em nossas sociedades esteja realmente interessada nas questões bastante abstratas, às vezes até mesmo sem sentido, que são discutidas na filosofia acadêmica. O ponto é apenas que a sociedade estaria pior se não existissem pessoas treinadas em filosofia, ninguém com interesse na discussão dos nossos termos e ideias.

Thiago Pinho: Parece que o campo político hoje não é apenas uma esfera, mas uma base de tudo, pelo menos é assim que nos sentimos nas redes sociais. Todos são convidados a se afirmar politicamente, sejam jogadores de futebol, cantores, atores, músicos, gerentes, *chefs*, nostálgicos *boomers* ou até mesmo adolescentes que não sabem amarrar seus cadarços [risos]. Existe algo mágico na política que atrai as pessoas em toda parte. Mencionei antes a conexão entre filosofia e ciência, mas e o vínculo entre filosofia e política? Como você a vê? Existe uma conexão forte aqui, ou é algo solto e complicado?

Ulrich: Sendo eu mesmo treinado em filosofia, só posso desejar que a política fosse melhor informada pela filosofia. Mas, novamente, não devemos esperar demais. Então, sim, muito na política depende, claro, de como entendemos os valores políticos. De certo modo, acho que poderíamos até estar mais interessados na política do que costumamos estar. Por outro lado, a política também pode ser um pouco entediante, e o que as pessoas realmente querem e o que torna a vida digna de ser vivida talvez não seja a política, mas ser criativo, ter amigos, se divertir, cuidar da própria família, ter uma vida decente. No entanto, a política é, de certo modo, essencial para alcançar tudo isso. O que certamente queremos é que as ideias que são essenciais na política, por exemplo, liberdade ou igualdade, coisas que são importantes para nós nas democracias liberais, estejam pelo menos suficientemente claras para que nossa compreensão desses termos seja coerente o bastante para lidarmos com eles. Também precisamos de algum tipo de compreensão de quando esses termos se tornam problemáticos e como seu significado pode mudar ao longo do tempo. Por exemplo, no que diz respeito à democracia, uma coisa que me parece bastante clara é que as democracias não são algo imutável, mas precisam ser adaptadas às novas circunstâncias sociais. Precisamos de algum tipo de renovação das nossas democracias e da nossa compreensão de democracia, uma renovação dos procedimentos democráticos à medida que as sociedades mudam. Isso, claro, requer um debate público e isso é a esfera política. A filosofia, me parece, tem uma grande vantagem sobre outras disciplinas, que é a capacidade e a necessidade de pensar em termos de alternativas. A questão filosófica básica parece ser: “como as coisas poderiam existir de forma mais consistente?”. Isso não se destina a um engajamento na ficção ou na ficção científica, mas é muito mais um convite para pensar em alternativas. Significa a busca de opções individuais e como organizar nossas vidas de novas maneiras coletivas. Por exemplo, hoje em dia, com a mudança climática em andamento, ideias sobre maneiras alternativas de governar nossas sociedades não são exclusivamente prerrogativa da ciência empírica, porque a ciência basicamente nos informa sobre o que é o caso, ou seja, menos sobre as maneiras como as coisas poderiam ser e menos ainda sobre como as coisas deveriam ser. Mas a filosofia é uma disciplina que pode pensar em termos de possibilidades e deve, claro, se esforçar para refletir em termos de possibilidades razoáveis, não apenas imaginações fantásticas, informando assim as sociedades (e a política) sobre possíveis melhorias – e no que qualquer melhoria

poderia consistir. Ainda assim, devemos estar atentos a tentativas paternalistas, que podem sobrepor o que só pode ser estabelecido por debate público. E, claro, a filosofia deve aprender com os outros e levar em conta suas percepções e opiniões. É uma coisa que certamente aprendemos com as filosofias feministas é que mesmo na filosofia tendemos a ignorar diferentes abordagens por muito tempo. Definitivamente, deveríamos ampliar nossos olhares e aceitar outros pontos de vista.

Thiago Pinho: Não sei se você concorda comigo, mas às vezes sinto uma certa tensão entre o campo filosófico e o campo político, especialmente ao conversar com meus amigos. Em termos políticos, eles quase sempre esperam algo mais concreto de mim — eles querem respostas claras. Por exemplo, eles querem que eu diga: “Sim, esse é o inimigo, e aqui está o pacote de valores.” Mas filosoficamente, eu costumo não responder dessa maneira. Muitas vezes até concordo com eles sobre uma certa opinião política, mas não com a mesma rapidez. Em geral, eles são rápidos demais em chegar a certas conclusões, talvez por causa da natureza pragmática da política. Às vezes, não consigo oferecer o que estão esperando de mim ou pelo menos não tão rápido quanto gostariam.

Ulrich: Só posso encorajar você a não ser apressado em suas conclusões [risos]. Acho que uma das principais lições ensinadas pela filosofia é que as coisas são tipicamente bastante complicadas, pelo menos quando os humanos interferem. E, mais uma vez pensando em termos de alternativas, o que a filosofia pode nos trazer é a compreensão de que vivemos com nossos preconceitos e nossas opiniões bastante caseiras, e essas são tipicamente muito subjetivas, às vezes até idiossincráticas. Elas não são necessariamente a verdade e devemos reconhecer nossa parcialidade e nossa falibilidade. Um quadro mais completo começa com a aceitação de que as coisas são complicadas e, além disso, pensar em termos de inimigos raramente é uma ótima ideia. Às vezes é inevitável... pense na Rússia e na agressão da Rússia contra a Ucrânia, acho que não tem como negar quem está errado nesse conflito. Mas, mesmo aqui, devemos estar dispostos a reconhecer que a inimizade não é algo para a eternidade. Embora a Rússia esteja agindo de maneira rebelde com a comunidade internacional hoje, ainda deveríamos descobrir alguma base para cooperação no futuro. Um pouco de cautela é certamente uma coisa boa e eu só posso te encorajar a ter alguma hesitação e ser relutante em saltar para conclusões ou chegar a verdades simples. A verdade nunca é simples.

Thiago Pinho: Seguindo a tradição neokantiana na filosofia, talvez a mais popular de todos os tempos, não tem como conhecer o mundo real, somente interpretações e condições de possibilidade, o que Graham Harman chamaria de “condições de acesso” (Harman, 2017). Estaríamos eternamente presos em um certo horizonte transcendental, criado pela linguagem, cultura, corpo, ideologia e milhares de produtos neokantianos. Como você vê isso? Em um universo repleto de interpretações diversas, acompanhado de uma suspeita constitutiva, como acontece nas democracias liberais, um filósofo pode debater sobre o mundo real, ou isso é uma conversa antiquada pré-kantiana?

Ulrich: Essa é uma questão complicada. Como você sabe, muito já foi escrito sobre esses temas. Meu próprio ponto de vista é que, em última análise, você não pode evitar a ideia de uma certa realidade que tentamos entender intelectualmente, mas que não criamos. Mas, claro, não devemos ser realistas ingênuos. Acho que o realismo é, de certo modo, inevitável, mas exige sofisticação. Agora, se você me perguntasse o que quero dizer com realismo ingênuo em contraste com um mais sofisticado, eu teria dificuldades de responder. É claro que muitas coisas são “construções sociais”. Nações, o Estado, universidades ou dinheiro são todos exemplos de construções sociais. Mas mesmo o fato de que alguns conceitos parecem bastante arbitrários,

penso em cores ou no exemplo de constelações estelares de Nelson Goodman, não implica que, em última análise, não exista uma realidade independente da nossa consciência. Você pode dizer “bem, esses conceitos são, em certa medida, construções”. Eu argumentaria, no entanto, que, em vez de chamar de construções, elas devem ser instrumentos para entender ou capturar algo que é, em última análise, a realidade. Em certo sentido, a realidade pode parecer ilusória porque todos os nossos esforços epistêmicos parecem nos deixar com um quadro incompleto do mundo ao nosso redor. Questionar a ideia de um quadro, de uma representação mental da realidade é, claro, um ponto kantiano e também uma posição pragmatista na linha de Peirce ou Dewey. Mas a ideia de eliminar a realidade por completo, não aceitar nada como independente da nossa consciência, me parece não fazer sentido. Pense na mudança climática: negar que é um fato dizendo “isso é apenas uma construção social” não nos leva a lugar nenhum. É porque é real que temos que fazer algo a respeito disso. Isso é um fato, aceite o fato. A maneira como chegamos a aceitar isso como um fato, como descobrimos esses fatos, é uma questão diferente, mas aqui está o ponto central, aqui está a situação e acho que isso é algo que não podemos descartar. Nesse sentido, é indispensável que aceitemos algum tipo de realismo. Mas, como eu disse, depende muito, é claro, de como você define realismo. Existem todos os tipos de realismo e versões mais sofisticadas que certamente permitem integrar uma perspectiva construtivista sobre alguns itens em nossa realidade.

Thiago Pinho: Há 20 ou 30 anos atrás era bastante normal dizer coisas como “história é uma interpretação”, “tudo é construção social” ou “ciência é uma ideologia”, e que “existem múltiplas perspectivas”. Se você sugerisse que uma forma de conhecimento era melhor do que outra, era considerado fascista ou autoritário. A ideia era aceitar que existem apenas múltiplas perspectivas. No entanto, hoje em dia, a extrema-direita está adotando uma abordagem semelhante, mas com uma reviravolta diferente. Por exemplo, vi um grupo de extrema-direita negando o Holocausto, e a justificativa deles era algo como: “Precisamos ver o outro lado; existem múltiplas perspectivas”. Essa explicação é remanescente da ênfase das ciências sociais em múltiplos pontos de vista. Mas, agora, precisamos afirmar: “Houve sim algo chamado Holocausto. Independentemente de quem você seja, onde você esteja ou suas crenças, o Holocausto aconteceu.”

Não podemos simplesmente dizer: “Vamos considerar diferentes perspectivas,” como aconteceu com um político reacionário no Sul do Brasil que argumentou que Hitler foi considerado maligno porque sua perspectiva não foi ouvida. Esse relativismo é perigoso, mas era algo que, no passado, nós, como cientistas sociais, cientistas humanos e filósofos, nos orgulhávamos. Agora, precisamos ser cautelosos porque a extrema-direita está empregando táticas semelhantes. Embora com motivações diferentes, a moldura epistêmica é quase a mesma, ou seja, um construcionismo social ácido.

Ulrich: Talvez existam erros diferentes que queremos corrigir em momentos diferentes. Há 20, 30 anos, a situação talvez fosse uma na qual ficou claro que ainda muitas perspectivas eram negligenciadas e deixadas de fora para obter o quadro completo. Mas a posição e a atitude que você mencionou, de que em relação ao Holocausto deveríamos ouvir o outro lado, me parece simplesmente confusa. Isso é apenas um absurdo. Não tenho certeza o que diferentes perspectivas em relação ao Holocausto, ou à escravidão, poderiam significar de forma sensata, mas qualquer tentativa de relativizar o mal absoluto que foi é simplesmente confusa. Houve um holocausto, não há como negar isso, e foi uma atrocidade abominável. Pode haver diferentes opiniões sobre o Holocausto. Mas isso não muda o que aconteceu durante aqueles anos no final da década de 1930 e 1940.

Talvez tenhamos conseguido fazer mais justiça às vozes que foram ignoradas em tempos anteriores. Mas o racismo, o sexismo e o antisemitismo ainda estão muito presentes, e mesmo algum progresso moral não significa que terminamos o projeto. Dado o Holocausto, a escravidão ou nosso passado colonial: é apenas uma verdade histórica, uma história que temos, e sobre a qual podemos ter diferentes visões, mas ainda é uma história. Devemos ser claros sobre isso e evitar o tipo de confusão que você citou na sua pergunta.

Thiago Pinho: Como podemos ver em muitas democracias liberais, o diálogo não é fácil. Descobrir um tipo de comunicação “dita de uma forma clara e eficaz” (Metschl, 2021) é um desafio, sem dúvida. Afinal, as pessoas se levam muito a sério e veem os outros como inimigos a serem destruídos. Argumentos *ad hominem* estão substituindo outras formas de debate. “Você não está mais errado; você é mau.” E não estou falando apenas sobre direita x esquerda, mas até mesmo dentro da direita e da esquerda, e também em toda as redes sociais. Os debates se tornaram “brigas de comida ideológicas” (*ideological food fight*), como o filósofo Michael Sandel mencionou no passado (Sandel, 2012). Quando pensamos sobre o espaço público na democracia liberal, como essa área pode ser melhorada? A filosofia pode nos ajudar nessa tarefa?

Ulrich: Devemos ter fé nas linhas que tentei apontar, ou seja, a filosofia nos ajuda a informar os debates públicos, a esclarecer ideias e conceitos, e formas de apresentar, criar e estabelecer argumentos no espaço público. No entanto, não está tão claro para mim, apenas para complicar um pouco mais, que nosso discurso político realmente tenha se deteriorado tanto. Às vezes, somos muito nostálgicos em relação ao passado, devido a deficiências em nossa memória e também simplesmente esquecendo que no passado as discussões políticas eram em sua maioria um privilégio de grupos elitistas. Certamente não era toda a população que participava, e grandes partes dela eram excluídas. Hoje, as oportunidades de participação são muito mais amplas, é mais fácil adicionar algo aos debates públicos, para melhor ou para pior, é claro. Isso é pelo menos um passo em direção a um público mais democrático. Isso significa que os padrões pelos quais conduzimos as discussões públicas devem estar se deteriorando? Não necessariamente. Claro, na competição por atenção, as vozes individuais às vezes ficam cada vez mais altas, e isso talvez não seja o que desejaríamos em debates civilizados. Novamente, o desafio para a filosofia é então adicionar uma voz sóbria, manter um caminho claro nessas discussões e tentar corrigir confusões conceituais, sempre que puderem ser detectadas. Não devemos esperar demais da filosofia, mas como uma disciplina na qual esperamos estar treinados para pensar, usando nossos cérebros, devemos, claro, também tentar ajudar a sociedade tanto quanto pudermos e trazer algumas ideias claras ao público. Não tenho certeza de que isso, em última análise, beneficie a sociedade, mas vamos torcer.

Thiago Pinho: É tão interessante quanto engraçado que, nas “batalhas de comida ideológica” de hoje, as pessoas às vezes esperam que a gente participe da luta. Elas frequentemente buscam uma justificativa filosófica para o seu lado do argumento—estão procurando legitimação. Querem tornar sua “batalha” mais científica ou sólida. Mas, às vezes, eu não consigo dar isso a elas, e fica claro que elas não gostam. Quando tento adicionar um pouco de nuance ou corrigir certos termos—como quando alguém diz “Trump é um fascista” e eu digo, “Espere um minuto, não é tão simples. Ele é uma figura problemática e perigosa, mas precisamos ter cuidado com nossas categorias porque elas têm consequências”—as pessoas muitas vezes não esperam isso. Elas querem que você diga, “Aqui está sua justificativa, aplique em seu horizonte político. Talvez use Kant aqui, ou Hegel, em busca de alguma justificativa confortável.” É uma situação complicada hoje.

Ulrich: Não estamos aqui para servir fins partidários. Não estou sugerindo que a filosofia deve simplesmente ser neutra ou imparcial como uma observadora inocente. Isso pode nem sempre ser possível, e a filosofia não deve se esforçar para evitar qualquer posição ou atitude engajada. Mas nosso objetivo não é servir certos clientes ou fins parciais, mas sim obter o quadro completo, e o primeiro passo seria ver que as coisas, em particular quando se trata de política, são complicadas, e isso pode não agradar a todos. Alguns certamente são desencorajados pelas sutilezas filosóficas que a filosofia tenta adicionar aos debates, mas eu acho que essa é uma tarefa importante à qual permanecemos comprometidos. Devemos enfatizar que realmente nos importamos com os detalhes, porque ignorar os detalhes pode ser perigoso e levar a confusões. E, se houver algo, a filosofia deve tentar evitar confusões e reduzir as confusões onde elas existem, em vez de criar mais confusão.

Thiago Pinho: Sem dúvida, o mundo sempre carregou um tipo de “incerteza” constitutiva, como você mesmo sugeriu em um dos seus textos: o “mundo é inevitavelmente incerto” (Metschl, 2003, p. 1). Mas parece que “incerto” ganhou um novo tom nos últimos tempos. Graças às redes sociais, as pessoas conseguem interagir com o mundo de uma forma que antes era impensável. Lembro que, por muitas décadas, reclamávamos de que as pessoas eram passivas, grudadas preguiçosamente no sofá, comendo pizza e bebendo cerveja, como Homer Simpson, por exemplo. Mas agora todo mundo parece estar engajado o tempo todo. Como você vê o excesso de engajamento que temos atualmente? Devemos celebrar? Finalmente somos mais espertos que Homer Simpson?

Ulrich: Será que alguém pode não ser mais esperto que Homer Simpson, eu me pergunto? [risos]. Às vezes vemos algum excesso de engajamento, mas essa é uma perspectiva pessoal de que o engajamento ao qual você se refere é muito frequentemente algo muito pessoal e, de certa forma, muito subjetivo. As pessoas estão ocupadas com sua própria concepção ou preconceitos sobre o que é importante, enquanto, é claro, gostaríamos de mantê-las ou torná-las mais abertas. A mente aberta é entendida aqui como a virtude de estar interessado e curioso sobre o que está acontecendo. É o objetivo de se tornar “objetivo”. Isso poderia contrabalançar o tipo de excesso de engajamento ao qual você sugeriu. Pessoalmente, não estou tão interessado nas redes sociais e no *hype* ao seu redor. O excesso de engajamento talvez não seja o problema mais urgente que as redes sociais criam. E elas são uma maneira de se engajar, pelo menos até certo ponto, em debates públicos.

Thiago Pinho: Você pode observar que, não importa o que aconteça no mundo ou na TV, as pessoas querem discutir e compartilhar suas opiniões. A parte engraçada é que às vezes elas não têm um conhecimento confiável. Por exemplo, eu poderia facilmente começar um canal no YouTube sobre a teoria da Terra Plana. Por outro lado, mais pessoas estão participando de discussões, explicando suas visões e tentando pensar de forma mais crítica. Talvez esse seja um lado positivo, não tenho certeza.

Ulrich: Eu sou adepto da ideia de suspensão do julgamento. Devemos frequentemente ser mais relutantes em formar nossas opiniões, devemos ser mais lentos em nosso julgamento e exercer mais frequentemente a suspensão desse julgamento. Devemos ter a coragem de dizer às vezes: “Eu não sei, não tenho ideia”. Não é que não nos importemos. Às vezes, é claro, está tudo bem não se importar com um assunto. Mas, precisamente porque nos importamos, porque as coisas são importantes, é importante chegar a um julgamento considerado. Ser incapaz de chegar a um julgamento rápido e definitivo, ou seja, acolher a suspensão do julgamento, é muitas vezes a melhor escolha. O que vemos nas redes sociais é frequentemente

o oposto de um julgamento prudente. É apenas algo que é despejado com rapidez e é isso. Então, eu sou muito a favor da suspensão do julgamento.

Thiago Pinho: Algo aconteceu recentemente que ilustra muito bem o seu ponto—o atentado nos Estados Unidos contra Trump. Lembro que apenas 30 minutos depois que ocorreu, as pessoas já estavam no *Twitter* especulando várias teorias, tanto da direita quanto da esquerda. Como as pessoas conseguem fazer isso sem nenhum dado empírico? Naquele ponto, não existiam informações sobre muita coisa—nenhum detalhe tinha sido divulgado—mas as pessoas já estavam criando teorias do nada. Isso é estranho, e acontece dos dois lados. Parece que todos estão seguindo um caminho de paranoia, criando suas próprias narrativas, talvez porque seja empolgante ou divertido hoje em dia. Não importa se é paranoia de direita ou de esquerda—é estranho de qualquer forma.

Ulrich: Em uma tradição liberal, a distinção entre o domínio privado e o público é bastante importante, estabelecendo padrões diferentes para o privado e o público. Mas a linha entre o privado e o público, que nunca foi tão clara, está se tornando mais nebulosa hoje em dia; está borrada de um jeito que não era antes. Talvez isso possa ser visto na forma como nos vestimos, embora essa também seja uma perspectiva muito pessoal. Muitas vezes, as pessoas não se importam tanto em se vestir ou se revestir ao sair, em contraste com o que estavam em casa. Acho que o que encontramos reforçado talvez com as redes sociais é uma certa forma de transbordamento do privado para o público. Isso é semelhante ao nosso comportamento ao dirigir nossos carros. Sentamos em nosso carro particular, ficando furiosos com todos os outros motoristas. Eles, por sua vez, ficam furiosos conosco, é claro, e com todos os outros motoristas. Cada um culpa os outros por coisas e de maneiras que não faria se pudesse se comunicar cara a cara. Não há mais reticência quando você está apenas em sua bolha privada. E acho que algo nesse sentido acontece no que costumava ser chamado *Twitter* ou em outras redes sociais. As pessoas surgem com suas reações muito subjetivas e espontâneas, que são frequentemente, como você mencionou, mal fundamentadas ou completamente infundadas. Mas isso é uma falta de controle, em certo sentido, e uma compreensão insuficiente, talvez, do que pertence ao público e o que é simplesmente uma emoção privada, uma reação instintiva.

Thiago Pinho: É interessante como as pessoas se tornam “especialistas” tão rapidamente. Não importa o tópico—seja mudança climática ou questões políticas como Palestina e Israel—de repente elas agem como autoridades. Muitos dos meus amigos, por exemplo, que não têm formação em ciência política ou filosofia, e que nunca pensaram sobre tais conflitos antes, de repente se tornam especialistas e começam a teorizar nas redes sociais. É um fenômeno interessante. Parece que nos sentimos obrigados a nos engajar, como se dizer “Eu não sei” fosse uma maldição. Sentimos a necessidade de refletir sobre tudo, o tempo todo, especialmente com a pressão das redes sociais. No mundo acadêmico, é diferente—temos nossas áreas de pesquisa, e isso é aceitável. Mas nas redes sociais, frequentemente sinto a pressão de dizer algo, de participar, de afirmar minha identidade, mesmo que eu saiba pouco ou nada sobre o tópico.

Ulrich: Temos que aprender a lidar com esses instrumentos. Como eu disse, não sou muito favorável às redes sociais e nunca estive no *Facebook*, nunca estive no *Instagram* e nunca estive no *Twitter* ou algo assim, principalmente porque acho um desperdício de tempo. Outros veem isso de forma diferente e acham divertido ou interessante, e até certo ponto é interessante e talvez até gratificante. Mas ainda acho que é necessário algum tipo de prática para lidar com esses instrumentos, essas ferramentas, e encontrar uma aplicação útil e construtiva para elas. Nem todos estão prontos para isso. Somos um pouco como crianças

com um novo brinquedo, todos empolgados com ele, e leva um pouco de maturidade para saber o que fazer com esse novo brinquedo. Talvez isso mude ao longo dos anos, não sei, mas você está certo, é pelo menos um pouco irritante às vezes ver o que está acontecendo lá. Mas talvez não devamos prestar muita atenção, devemos simplesmente tentar focar no que é real, no que é importante e ignorar todo o ruído que também está acontecendo. Essa seria minha recomendação. Não sei se funciona, e uma geração mais jovem certamente teria uma abordagem diferente sobre isso, mas acho que é muito exagerado o que está acontecendo, não muito útil e até inútil às vezes.

Thiago Pinho: Filósofos, assim como pessoas das ciências humanas e sociais, estão enfrentando novos problemas em um novo mundo. Na sua opinião, qual é o desafio mais importante para a filosofia hoje?

Ulrich: Essa também é uma pergunta difícil. A filosofia não é uma empreitada uniforme ou homogênea, então temos diferentes ramos, diferentes orientações, mesmo dentro da filosofia. Acho que um verdadeiro desafio é não perder de vista o que é importante para um público mais amplo. O que eu sinto e o que às vezes também me irrita um pouco é que, claro, a filosofia acadêmica é uma área altamente especializada, como qualquer outra disciplina acadêmica, mas acho que é realmente importante ter uma compreensão do que pode ser transmitido ao público. Não se prender a questões acadêmicas sutis e difíceis que têm sua própria tradição, é claro, mas que não são a principal preocupação de um público mais amplo. Claro que aceito que essas discussões muito sofisticadas, que muitas vezes levamos em periódicos acadêmicos, fazem parte do que está acontecendo na filosofia acadêmica. É muito parecido com o que encontramos na matemática, onde temos teoremas elaborados provados por especialistas matemáticos e ninguém, exceto um punhado de especialistas, entenderia o que eles significam e para que servem. No entanto, é importante para a disciplina ter pesquisas assim, e o mesmo talvez seja verdade para a filosofia. Então, não estou negando que é importante focar nos detalhes. O que estou afirmando, no entanto, é que também é importante adicionar à perspectiva dos especialistas uma perspectiva mais ampla que a coloque em alguma coerência com o que é relevante para as sociedades e o que é politicamente importante. Então, uma certa dualidade e uma certa curiosidade pelo bem público, também por parte da filosofia, é talvez realmente o desafio para a filosofia hoje.

Thiago Pinho: E para terminar esta entrevista, gostaria de perguntar algo especial: Que mensagem você pode compartilhar com a nova geração de filósofos e teóricos sociais que estão te assistindo agora?

Ulrich: Não tenho certeza se estou em uma posição para dizer algo para uma geração mais jovem. Cada geração tem que encontrar seu próprio caminho, é claro, mas talvez se relacione com o que acabei de dizer, ou seja, tentar buscar uma perspectiva mais ampla. Eu vejo agora que uma geração mais jovem de filósofos está altamente treinada na publicação de artigos acadêmicos, mas muitas vezes esses artigos são quase sem sentido, discutem detalhes minuciosos, e como eu disse, isso é importante de certa forma para a pesquisa. Está avançando a filosofia. Mas não se deve perder de vista como isso pode ser combinado com percepções que informam um olhar mais amplo de alguma preocupação pública, alguma preocupação social. Então, isso é o que eu diria. Devemos ter em mente que precisamos pelo menos tentar contribuir para nossas sociedades e não deve ser apenas sobre temas muito sofisticados que não são inteligíveis para ninguém sem um doutorado em filosofia. Tente considerar o público.

Thiago Pinho: Obrigado, professor, obrigado pelo seu tempo e por esta ótima discussão.

Referências

HARMAN, Graham. *Object-Oriented Ontology: A New Theory of Everything*. London: Pelican an Imprint of penguins books, 2017.

METSCHL, Ulrich. Logic in its Space: Wittgenstein's Philosophy of Logic in the Tractatus. *Disputatio*, v. 10, n. 18, p. 419-444, 2021. Disponível em: <https://zenodo.org/record/5758825>. Acesso em: 01 de Agosto de 2024.

METSCHL, Ulrich. *Uncertainty, Bayesian Belief Nets, and Knowledge Management*. In: WM 2003: *Professionelles Wissensmanagement Erfahrungen und Visionen, Beiträge der 2. Konferenz Professionelles Wissensmanagement*, Luzern, Schweiz, 2.-4. April 2003. Bonn: Gesellschaft für Informatik e.V., 2003. p. 419. Disponível em <https://dl.gi.de/handle/20.500.12116/6986>. Acesso em: 01 de Agosto de 2024.

SANDEL, Michael. Point person: our Q&A with Michael Sandel on ideological food fights. *The Dallas Morning News*, 29 set. 2012. Disponível em <https://www.dallasnews.com/opinion/commentary/2012/09/29/point-person-our-qa-with-michael-sandel-on-ideological-food-fights/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

RECEBIDO: 25/09/2024
APROVADO: 03/11/2024
PUBLICADO: 11/04/2025

RECEIVED: 09/25/2024
APPROVED: 11/03/2024
PUBLISHED: 04/11/2025